

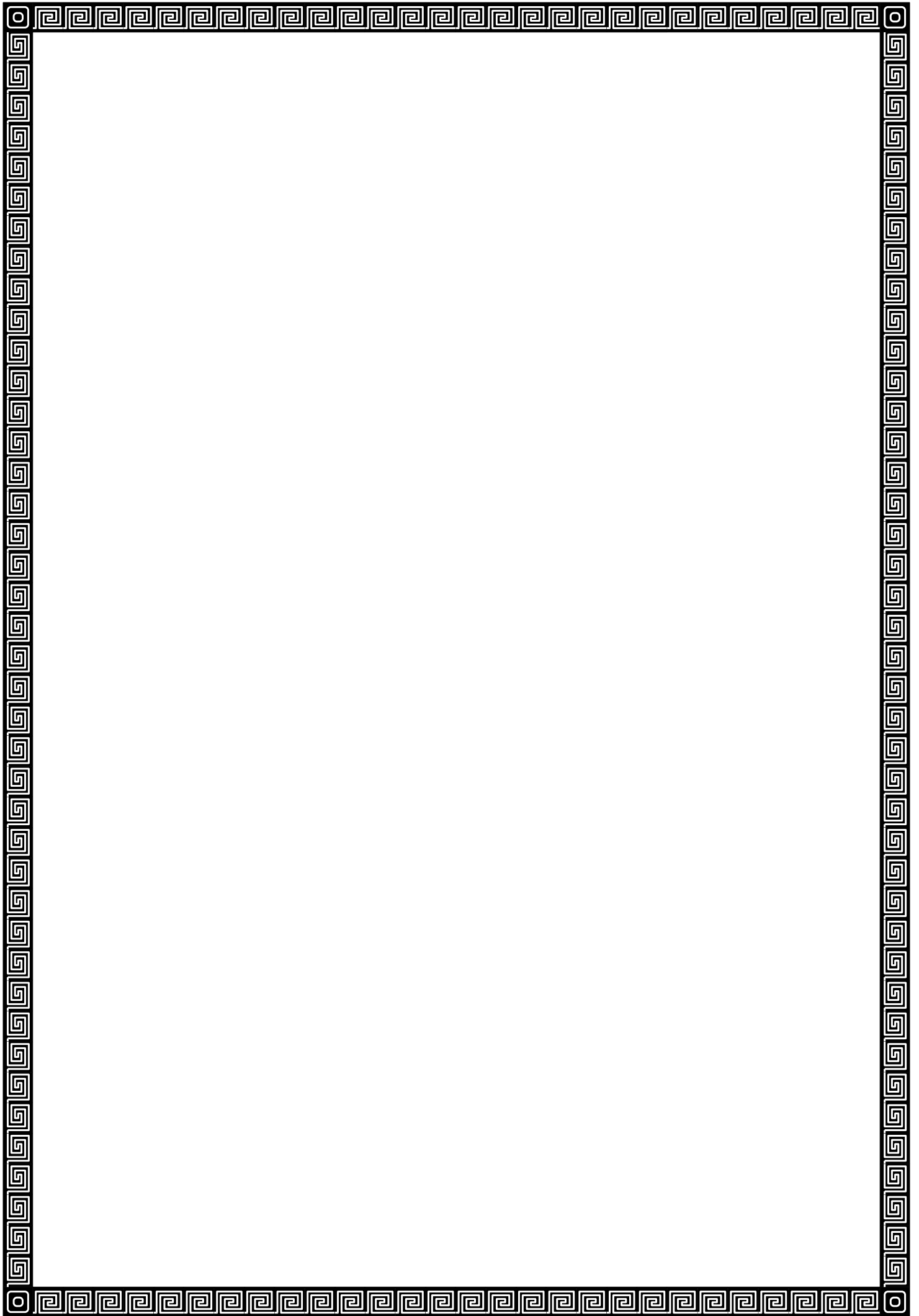
Karl Edward Wagner

GHOR, O PARRICIDA

CAPÍTULO 2

A CHEGADA DE GHOR





GHOR, O PARRICIDA

INTRODUÇÃO

A novela em série chamada Ghor, o parricida, tão interessante quanto irregular, que parte de um fragmento inacabado de Howard que começa com a frase "'Há muito, muito tempo..." ("Long, long ago ...") e que também foi chamado de "Filho de Genseric", pertence ao ciclo de James Allison. Ghor, o Parricida, foi concebido no final dos anos 70 por Jonathan Bacon, editor da Fantasy Crossroads, um fanzine muito popular durante o boom Howardiano da época. Bacon se apresentou com um fragmento inédito de Howard, «O Filho de Genseric», e propôs continuar com uma narrativa "seriada", escrita por diferentes autores. Assim, a Fantasy Crossroads, a partir de sua edição de março de 1977, começou a publicar a novela serializada, na proporção de dois ou três capítulos por edição. A intenção era, obviamente, publicar o todo, até sua conclusão no capítulo 17. Mas, depois do capítulo 12 (publicado na edição de janeiro de 1979 da Fantasy Crossroads), a revista faliu, e os cinco capítulos seguintes foram dados por perdidos por anos até serem recuperados em agosto de 1997 pela Necronomicon Press, em um livreto bastante pobre, com uma letra minúscula e uma capa preta e branca sobre papelão amarelo.

Morgan Holmes, da associação howardiana de imprensa REH, disse recentemente, referindo-se a essa obra que "os primeiros 7 capítulos são bons, mas a novela é irremediavelmente danificada a partir do capítulo de Darreil Schweitzer". Embora durante a primeira metade do livro, diferentes autores tentam manter uma certa coerência argumental, respeitando as raízes howardianas – exceto algum e outro detalhe estranho um pouco fora de lugar – quando o capítulo 9 se torna um importante ponto de virada, tanto em seu tratamento literário quanto em sua liberdade pelo trabalho anterior e o que supõe para o enredo. A partir daí, cada autor faria o que quisesse, incluindo a narração da eterna batalha entre os deuses da Ordem e o Caos, que Moorcock popularizou durante os anos 60. Curiosamente, teve o bom gosto de não tocar

essa questão em seu capítulo, embora o som japonês de seus nomes nemédios foi muito criticado.

Agora deixamos que o leitor aproveite a saga que está disponível nas páginas seguintes. É uma série cheia de força, lirismo, poesia selvagem, mesmo apesar das inúmeras cenas de matança e massacre vermelho. E, embora possa parecer diferente, não é um ciclo impregnado de idéias racistas, apesar do ingênuo orgulho que Howard tinha pelo mundo ariano.

CAPÍTULO 2

A CHEGADA DE GHOR

Karl Edward Wagner

Tradução e Revisão: MARCELO SOUZA



Dos primeiros anos da minha vida, apenas algumas impressões nebulosas sobrevivem em minha memória. A imagem mais viva é a de uma neve e um interminável gelo; recordo do frio... Eu me lembro dos ventos gelados implacáveis e noites cristalinas, quando as estrelas nuas brilhavam através da névoa gelada da minha respiração.

Mesmo entre as raças selvagens daquela Era, acredito que nenhuma outra criança teria sobrevivido a uma única noite naquela desolação gelada. Eu sobrevivi. Lembro-me do calor amargo da pele da loba, a ofegante carícia de sua língua e a ponta afiada de suas presas. Tenho vagas lembranças do leite pungente que chupei de suas tetas, embora minha memória tenha retido mais fortemente o caloroso sustento que bebi diretamente das veias de alguma presa caída, e a carne crua fresca pendurada em seus flancos ainda fumegantes antes que o frio transformasse a nossa vítima em uma estátua rota de mármore carmesim e de pele rígida. E nem todas as nossas presas usavam as peles que a mãe natureza lhes concedesse.

Eu já disse antes que nenhum bebê poderia ter sobrevivido à minha infância selvagem. À luz de uma outra época, hoje, percebo que deve haver algo em mim que me diferenciava da tribo dos vanires dos quais eu vim. A alcatéia tinha notado essa diferença, ou caso contrário teria sido devorado no primeiro momento: algum tipo de herança atávica em minha alma, indo de volta para alguma Era perdida quando os ancestrais humanos simiescos acasalaram com certas criaturas que só imitavam a forma humana.

Às vezes acho que o meu pai estava certo em jogar meu corpo nu no deserto congelado, e que sua única culpa era manter a mão no punho da espada, enquanto eu emitia um grito quando senti a chegada do bando de lobos.

Desde meus primeiros esquemas de pensamento consciente, percebi que era diferente do lobo cujo leite eu e meus irmãos e irmãs de pele acinzentada se alimentavam. O cabelo branco que cobria meus infantis membros era meramente o pêlo próprio dos recém-nascidos, por isso instintivamente me acostumei a

refugiar-me sob as peles rasgadas apodrecidas de nossas presas. No decorrer de algumas estações, os filhotes com quem eu brincava já caçavam e corriam pelo campo nevado com patas poderosas... enquanto eu ainda rondava a nossa caverna sem jeito, muito lento para se juntar aos outros.

Não sabia dizer quantas estações de gelo passaram antes que, dolorosamente, conseguisse ficar em pé; percebi que não podia continuar rastejando sem precisar de ajuda, e percebi que talvez conseguisse me comportar naquela postura estranha e ereta. A perna torta que me havia condenado a este inferno gelado tinha se corrigido gradualmente ao longo dos anos... ou pelos rigores da minha existência, ou pelo fato de que ela não tivesse que suportar meu peso enquanto meus jovens ossos se alongavam e endureciam. Não saberia dizer isso. Eventualmente, com o tempo consegui correr através da tundra tão rápido e incansável como meus irmãos da alcatéia, com apenas um ligeiro desvio no tornozelo como prova da minha antiga deformidade.

Foi então que comecei a sentir certa afinidade com a estranha presa de duas pernas que às vezes atacávamos. Antes, já que não via nada além de uma vítima despedaçada, não pensou mais na carne que compartilhava do que teria dado a um alce ou a um cervo.

Mas então, enquanto corria com a alcateia, vi pela primeira vez outro homem vivo ... um caçador solitário, meio morto pela tempestade de neve repentina que lhe tinha separado de seus companheiros. Eu recuei, fascinado, enquanto ele se preparava para se defender com desespero. Ele não tinha garras nem dentes, nem pêlo ou rabo... como eu. Mas, como a alcateia formava um círculo semi em torno dele, ele puxou para trás uma vara curva que estava carregando, e soltou uma corda estranha que a atava com um thrumm raivoso. Eu ouvi um uivo de agonia, e o lobo mais próximo daqueles ao seu redor caiu para trás com um ramo de madeira perfurando seu coração. O caçador puxou outro ramo de uma bolsa carregada nas costas, colocou-a em um bastão curvo, e atirou-a diretamente na garganta de outro dos meus irmãos cinza ... tudo no espaço de um batimento cardíaco. Então o grupo de lobos avançou até ele.

Por um momento, seus membros pareciam ceder sob o ataque dos meus

irmãos ofegantes, e depois descobri que minha primeira impressão foi errada, porque em um de seus membros parecia haver uma espécie de garra, longa, única e muito afiada. Com um único golpe daquela afiada garra de prata, ele matou um daqueles que, naquele momento, lhe arrancava a sua garganta. Logo, sua resistência acabou cessando.

Embora estivesse com fome, apenas observei, pensativo, meus irmãos brigarem pela fumegante carcaça. Aquele bastão curvo, com seus galhos que voavam, estava além do meu entendimento. A longa garra de prata havia sido separada dos membros sangrentos do homem. Examinei-a com curiosidade e descobri que a pata cinza afiada estava montada em uma empunhadura de osso, que minhas próprias mãos podiam agarrar da mesma maneira que o caçador. Aquilo me fez sentir bem.

Parado ali, com a faca na mão, observando a alcateia devorava a carne de alguém que se parecia comigo. Reconheci que não era - como eu havia acreditado até então, quando pensava nisso - um infeliz erro da natureza, tolerado a duras penas por meus irmãos, mais fortes e mais velozes. Eu sabia que era um homem, na aparência, pelo menos.

Diante de tal descoberta, um certo desconforto tomou conta da minha alma. Se eu era homem, por que não vivia entre os homens? Por que era o irmão daqueles que eram inimigos dos homens?

O mistério acabou se tornando uma obsessão para mim. Fascinado, esgueirava-me nas sombras, além dos campos e das fogueiras dos homens, estudando suas ações inexplicáveis e seus sons e gritos incoerentes. Nas noites sem lua, quando a neve tornava meu hálito gelado invisível, eu deslizava até os confins de suas aldeias e acampamentos. Enquanto meus irmãos cinzentos mantinham uma distância segura, eu me rastejava despercebido pelos grupos de caçadores examinando suas armas estranhas, as peles com as quais cobriam a pele sem pelos e o deslumbrante demônio de luz e calor que colocavam a carne antes de comê-la.

À medida que as estações passavam, com apenas um breve vislumbre do sol, antes que o inverno gelado voltasse mais uma vez, comecei a passar menos tempo com a alcateia e, em vez disso, passei mais horas contemplando o

homem e suas maneiras. Reconheci que seus grunhidos e guinchos eram apenas um sistema de comunicação, muito mais complexo do que o empregado por meus irmãos lobos. Após um longo estudo, descobri que podia formar alguns desses sons com minha própria garganta; Também descobri que esse demônio brilhante era chamado "fogo" e que o bastão curvado que lançava galhos afiados era chamado "arco". A garra de prata era chamada de "faca", e essa faca tinha um irmão mais velho muito mais mortal chamado de "espada", mais longa e mais afiada do que qualquer presa ou garra. Eu ansiava por uma espada mais do que qualquer coisa que pudesse desejar em minha infância sombria.

Chegou o dia em que o sol parecia um frio círculo vermelho além das densas nuvens de uma iminente tempestade de neve. Meus irmãos cinzentos haviam se refugiado sob seus covis, enquanto eu, um ser selvagem de pouco mais de dez invernos, rastejava sob o céu de chumbo para contemplar uma cena além de todas as maravilhas.

Dois bandos de homens se reuniram no meio do deserto devastado pela tempestade. O encontro deles foi um confronto sangrento... uma batalha sem quartel. A razão desse conflito estava além do meu entendimento, mas a ferocidade selvagem da batalha fez meu coração pular dentro do meu peito jovem. O sangue fervia em minhas veias; rangi os dentes e tremi com o desejo de me jogar no meio do massacre. Algum instinto final me obrigou a me conter, e os grunhidos e suspiros que escaparam dos meus lábios congelados foram abafados pelos gritos e os estertores dos combatentes.

Devia haver cerca de vinte homens em um grupo e pouco mais da metade no outro. Apesar de sua inferioridade numérica, o grupo menor defendeu fortemente seu território... especialmente pelas proezas sangrentas de um certo guerreiro. Aquele homem, uma figura poderosa cujos cabelos loiros se erguiam acima dos outros, chamou minha atenção, apesar do rugido da tempestade iminente. Suas grandes mãos estavam empunhando uma espada, tão larga quanto todo o meu corpo pequeno, e com ela ele desenhava um rastro assassino de sangue e destruição. Ao seu redor, os homens se entrelaçavam em um abraço mortal batendo aço contra aço até que a morte concedesse um clímax carmesim a cada combate individual.

A batalha foi sangrenta demais para durar muito tempo. Um por um, os companheiros do espadachim alto morreram sob os aço de seus inimigos. Então, por um tempo, ele permaneceu sozinho, cercado por quatro de seus inimigos... o único de seu bando que ainda vivia. Ele estripou um de seus oponentes do ombro até o lado... mas antes que ele pudesse se recuperar do golpe poderoso que acabara de dar, seus outros três oponentes se lançaram contra ele. O que se seguiu foi rápido demais para os meus olhos. Aço colidindo com outros aço... carne salgada e jorros de sangue... corpos quebrados e gritos ferozes que acabavam em grunhidos de agonia. E então apenas o espadachim alto permaneceu de pé.

Enquanto lhe observava, aturdido pela batalha, ele caiu de joelhos, percorrendo o olhar pela silencioso cenário do massacre. A neve estava suja e tingida de vermelho, e o vapor do sangue, fluindo através de uma dúzia de feridas abertas em sua carne, contribuiu com sua porção para a grande poça carmesim. A cabeça dele se recostou sobre o peito.

Os primeiros cristais de gelo começaram a florescer sobre os cadáveres dos caídos, quando finalmente me atrevi a deixar meu esconderijo. Em espanto silencioso, me arrastei pelos corpos massacrados, aproximando-me da figura imóvel que estava, mesmo de joelhos, sobre os mortos. A tempestade logo enterraria tanto as vítimas quanto os carrascos, segundo pude deduzir ao ouvir seu rugido profundo. Mas minha maior urgência era possuir aquela grande espada.

Pensei que aquele homem estivesse morto. Quando tentei arrancar a espada dele, seus olhos se arregalaram de repente. Eu me afastei. O aço sedento subiu ameaçadoramente, empunhado pela mão coberta de sangue.

—Cão aesir... — ele começou a falar, mas parou. Seus olhos moribundos me contemplaram com assombro.

Agulhas afiadas de gelo já estavam atingindo corpos imóveis. Um vento crescente levou a névoa da nossa respiração. Levantei-me diante dele... um garoto alto e magro, que parecia mais velho devido aos anos passados na

intempérie... até minha figura magra estava endurecida como gelo, com músculos forjados pela vida selvagem. O vento gelado sacudiu meus cabelos brancos e arrepiou a barba rala que já começara a crescer, e o véu que cobria meu peito e membros. Meu corpo estava parcialmente coberto, em parte, por pedaços desajeitados de peles, numa semelhança grosseira com as roupas que eu tinha visto nos caçadores.

Lancei um grunhido baixo e avancei quando vi que ele não se levantava

—Espada! — pronunciei com voz rouca, e grunhi como fazem os lobos quando lutam por um pedaço de carne.

Quando ele avançou, seus olhos fixaram-se no meu tornozelo torcido. Eu grunhi novamente, e seu rosto refletia puro espanto.

—Por Ymir! — Ele jurou. Você!

Então, o vento me trouxe as vozes de outros homens. Eu tive que me apressar para pegar essa espada.

Com um movimento repentino, esquivei de sua finta desajeitada e agarrei a empunhadura da espada. Ele uivou de raiva e se refez enquanto eu segurava seu braço. Minha força e velocidade o chocaram, e empurrei minhas presas em seu braço antes que ele pudesse perceber que eu estava sobre ele. Apesar de estar mortalmente ferido, ele ainda era mais forte que eu e conhecia as artes com as quais os homens lutam entre si. Ele bateu o punho contra a minha cabeça, quase quebrando meu crânio. Mordi com mais força e tentei evitar os próximos golpes e solavancos.

Consegui deter a espada quando Genseric a brandiu no alto, segurando-a pelo punho. Ainda atordoado por seu golpe, lembrei-me da faca escondida sob a minha roupa de pele. Enquanto ele me jogava de lado com o cabo da espada e levantava a arma para golpeá-la em mim, rapidamente peguei minha faca e cortei sua garganta.

O sangue afogou seu súbito grito de agonia. Mesmo estando agonizando, Genseric tinha força suficiente para dar um golpe terrível com a espada. Completamente manchado de sangue, eu ainda não tinha conseguido me libertar de seu abraço. Afastei-me o melhor que pude, e o enorme punho da espada bateu no meu crânio, enquanto a borda da lâmina se cravava no meu ombro.

Então, o cadáver do gigante caiu sobre mim. Uma onda de dor embaçou minha visão, mas, triunfante, peguei a espada de sua mão morta e a ergui com orgulho. Mas não fui capaz de dar mais do que dois passos.

Um novo grupo de pessoas ficou no meu caminho. Durante a tempestade de gelo, outro bando de guerreiros seguiu a trilha de sangue na neve. Eles me olharam espantados, enquanto eu me afastava do cadáver do gigante. Rosnando, fui em direção a eles, esperando abrir caminho e desaparecer na tempestade.

Mas minhas pernas não podiam se sustentar. A escuridão inundou minha mente e eu não conseguia sentir meu corpo caindo no chão nevado.

Fiquei deitado vários dias entre febres intensas. O último golpe do guerreiro teria partido o crânio de qualquer outro jovem. Ainda assim, devo ter sofrido uma contusão severa, já que minha testa estava aberta até os ossos, e dias se passaram antes que eu pudesse focar meu olhar e deixar para trás os ventos negros que rugiam em meu cérebro.

Qualquer outro homem teria morrido, mas eu não era como qualquer um deles. Acordei em um acampamento aesir, onde eles trataram minhas feridas e me alimentaram. Os aesires me trataram com uma mistura de respeito e medo pois fui eu quem matou Genseric, o Espadachim.

Com o passar dos meses, entendi a situação. Os vanires e aesires estavam em guerra... ainda que os longos intervalos de paz tenham sido pequenos. A tribo que me acolheu fazia parte de um novo posto avançado de aesires em Vanaheim. Muitos e sangrentos foram seus conflitos, porque a perda ou o ganho de um campo de caça no meio daquele deserto congelado poderia significar sobrevivência ou morte. O líder dos guerreiros vanires era Genseric, o

Espadachim. Um bando de guerreiros aesires tentou caçar Genseric, enquanto ele e outros vanires retornavam de outra batalha. Na presença daqueles aesires, eu havia matado o seu inimigo mais feroz.

A princípio, ficaram surpresos com meus modos estranhos, minha ignorância de sua língua e costumes. Mas o ferimento na minha cabeça era um daqueles que haveria matado qualquer um, e os aesires logo pensaram que o golpe havia me transtornado. Fora isso, pensavam que eu era um jovem de outro clã aesir, cujos parentes haviam morrido na batalha contra Genseric. Mais tarde pensariam de maneira diferente. No momento, eles estavam atendendo às minhas necessidades, me tratando como um herói da raça deles que havia ficado cego ou mutilado em combate.

Apesar da morte de Genseric, a maré da guerra atingiu o aesires, de modo que o posto avançado foi empurrado de volta aos campos nevados de Asgard. Fui com eles, embora às vezes me afastasse para voltar a visitar a alcateia. Mas, ao longo dos anos, gradualmente me afastei de meus irmãos cinzentos, impulsionado por minha obsessão pelo homem. No final, pareceu-me que o destino me dera a oportunidade de viver entre os homens e aprender seus caminhos. E finalmente descobriria se realmente era um homem, ou, pelo contrário, uma raridade selvagem que apenas imitava o aspecto humano.

Como não tinha nome, o aesires me chamaram de Ghor, que significa O Forte. E eu era forte... com ossos e músculos esculpidos pela natureza implacável e congelada ... e rápido, com os reflexos instantâneos de um lobo faminto. Mesmo jovem, era inexperiente no manuseio de armas... mas nem mesmo seus bravos guerreiros ousaram provocar meu caráter rude. Eles eram todos guerreiros selvagens, e qualquer um deles não teria nenhum problema com uma dúzia de homens da época de James Allison. Mas eles foram criados em tendas de pele de cavalo, cuidados pelos seios de suas mães, enquanto eu me arrastava nu na neve para disputar uma porção de carne crua com meus irmãos de olhos amarelos.

Apesar da estranheza dos costumes humanos, aprendi rápido. Às vezes, eu assustava aqueles que estavam ao meu redor, porque eu era um ser selvagem, e até a dura existência deles parecia suave para mim, e contrária à lei de matar

ou ser morto, que era minha única lei. Mas eu queria me tornar um homem, então tive que aprender sua língua e seus costumes sem sentido. Se tivesse encontrado uma tribo dos vanires, tenho certeza de que seria reconhecido por quem eu era. Mas essa tribo veio da distante Asgard, no qual nenhum aesir ouvira a história do quinto filho de Genseric, que corria com os lobos e espreitava na escuridão além das fogueiras dos acampamentos.

Passei mais de quatro anos vivendo com o aesires e aprendendo os costumes dos homens. No momento em que as cicatrizes dos golpes de Genseric haviam desaparecido, eu já era capaz de falar fluentemente a língua deles, comia da carne queimada, vestia suas roupas quentes e até dormia em uma barraca sem sofrer claustrofobia. Meu medo do fogo demorou a desaparecer, e não poucas vezes olhei severamente e franzi a testa diante dele.

Ninguém contestou minha posse da grande espada de Genseric. Diante de seus olhos, a espada era minha pela lei do combate. A verdade é que teria matado qualquer um que tentasse tirar isso de mim. A borda da lâmina era larga e, embora eu tivesse forças para manejá-la, meus movimentos eram desajeitados e pouco cuidadosos. Mais uma vez, minha ignorância sobre o manuseio de armas foi atribuída à ferida que eu havia sofrido. Com paciência, os aesires me treinaram no uso da espada, faca, machado, escudo, arco e flecha. Minha força natural e minha velocidade animal me fizeram aprender essas artes em apenas uma fração do tempo que qualquer outro jovem precisaria. Depois de algumas estações, minha habilidade em espada excedeu a dos meus tutores, e eu pude acertar uma rena nos olhos enquanto fugia em vão.

E assim, por respeito que ganhei devido à minha força e habilidade com armas, eu sabia que continuava sendo um estranho para os Aesir, assim como havia sido para meus irmãos no bando. Havia um ar diferente em mim que nenhum artifício poderia esconder. A maioria das pessoas encolhe os ombros e diz que minha lesão me deixou com um certo toque de loucura. Outros, que se lembraram da minha selvageria durante os primeiros meses, ficaram inquietos com meu tornozelo arqueado e quando viram que os grossos cabelos brancos que cobriam meu corpo eram mais densos do que o normal, mas, por medo da minha raiva, mantiveram suas suspeitas para si mesmos.

Com o tempo, o aesires voltaram à guerra pelas terras dos vanires. Mais uma vez soaram os chifres de guerra, e a tribo com a qual vivi embalou seus pertences. Marchei com eles, meu coração estava pesado, porque ultimamente a vida na aldeia deles parecia chata para mim, e eu estava ansioso para fazer outras coisas.

Como antes, as fronteiras de Asgard e Vanaheim ecoavam com inúmeras batalhas mortais e duelos individuais. Nossas guerras não consistiram em grandes massas de exércitos de frente para o outro, mas em uma longa série de encontros fortuitos entre diferentes expedições de punição, emboscadas e saques de aldeias. Não tínhamos cidades para queimar, nem reis ou generais para liderar um grande exército... apenas a ferocidade selvagem dos homens desesperados que seguiam seus clãs para defender as terras nevadas cuja posse poderia significar viver ou morrer de fome. Não estávamos lutando por príncipes ou ideais, mas por nossos estômagos e nossas vidas.

Desta vez, os deuses da guerra favoreceram o aesires. Alguns dizem que foi por causa de Ghor, o berserker de cabelos brancos, cuja força incansável e aço poderoso abriram um caminho carmesim pelas fileiras dos vanires. Seja como for, a verdade é que fiz o meu caminho na batalha e, impulsionado pelo frenesi, pouco fiz para evitar atravessar a indefinida barreira que me separava dos meus camaradas aesires.

O sol estava se escondendo no horizonte gelado quando caímos sobre um punhado de homens, pobres remanescentes da retirada dos vanires, um grupo deprimente, cheio de velhos e feridos que não mereciam nosso aço. Levantei minha espada sobre um homem caído, um homem de barba cinza muito velho para lutar. Notei que as cicatrizes de um ferimento antigo estavam em sua cabeça e vi um olhar inquieto nos olhos dele enquanto esperava a morte. Soube então que ele era um homem sábio, e segurei meu aço para ouvir suas palavras.

—Essa espada — balbuciou o homem de barba grisalha. Como você conseguiu ela?

—Tomei-a do chefe Vanir que a usava, não faz nem cinco anos atrás — ri. E

paguei, em troca dela, com uma faca em sua garganta.

—Quem és tu? — ele perguntou, olhando para mim de uma maneira estranha.

—Eles me chamam de Ghor.

—Mas você não é um aesir! — afirmou o velho, com um olhar perdido além de mim. Eu te vi quando você era bebê, deitado na neve. Os lobos o amamentaram, e por esse motivo você é um filho do mal... porque eu sei que você é o quinto filho de Genseric, e suas mãos estão manchadas com o sangue de seu pai.

—Prefiro isso ao meu sangue manchando o seu — zombei. Diga-me, velho, como você sabe tantas coisas?

—Sou Bragi — sussurrou. Do clã vanir em que você nasceu. Sua mãe é Gudrun das tranças brilhantes e seu pai era Genseric, o espadachim. Você era o quinto dos filhos dele, mas como sua perna estava curvada, Gudrun ordenou que seu pai o deixasse no gelo, alegando que ele já tinha quatro filhos fortes, com membros retos. Que Ymir amaldiçoe aquele dia, pois você acabou sendo a desgraça de Genseric, e agora se voltou contra seu próprio povo!

—Eu não tenho um povo! — rosnei. Quanto aos quatro filhos fortes de Gudrun, o que aconteceu com eles?

—Eles são o orgulho de sua mãe. Raki, o Veloz, Sigismundo, o Urso, Obri, o Bonito e Alwin, o Silencioso. Ouça seus nomes e trema, pois eles vingarão seu pai e banharão a neve de Vanaheim com sangue aesir!

Eu ri e coloquei a ponta da minha espada na garganta dele.

—É Ghor, o Forte, quem clama por vingança, Bragi! Vingança contra meus irmãos, que usurparam meu lugar junto à fogueira! Vingança contra minha mãe, que condenou seu próprio filho recém-nascido à morte! Os deuses favorecem minha vingança, caso contrário não teriam deixado meu pai e sua espada caírem em minhas mãos. Que Gudrun e seus filhos tomem cuidado com a vingança de Ghor! Eu sou o que sou por causa do crime que eles cometeram comigo!

—Você é o filho do mal! — jurou Bragi ferozmente. Há maldade em seu sangue e em sua alma... eu vejo! Eu a vi então, quando fugi vendo os lobos amamentando um bebê humano!

—E o que mais você vê agora, velho?"

—Vejo a morte — Bragi sussurrou.

—Você está certo — eu disse, e cravei meu aço em seu peito.

CONTINUA...